

# Notas analíticas sobre a coleção Estante Americana (1939-1940)

Gilvana de Fátima Figueiredo Gomes\*

## Resumo

O texto analisa um projeto de aproximação continental articulado em torno da coleção literária Romances Americanos/Estante Americana, ação que envolveu distintos agentes culturais a partir de 1939. A análise buscou identificar os sujeitos envolvidos com a proposta, seus anseios e interesses, bem como eventuais dificuldades. Entre o projeto editorial e a efetiva publicação dos títulos encontram-se indícios das transformações ocorridas na circulação internacional de bens no período.

**Palavras-chave:** coleções literárias, Editora Guáira, Estante Americana, Pan-americanismo

Em 1940, a publicação do romance venezuelano *Dona Bárbara* marcou o início de uma coleção editorial voltada à promoção da literatura hispano-americana no Brasil. O projeto intitulado inicialmente Romances Americanos – designação que anunciava o gênero literário favorecido – foi abrigado em uma editora iniciante, localizada em Curitiba (PR). Entre o anúncio do programa e o último título publicado

---

\* Doutoranda em História – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis, Brasil. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: fichamentoshistoria@gmail.com

em 1947, a coleção passou por transformações que revelam a assimetria das trocas culturais – sejam elas materiais ou simbólicas – características da circulação internacional de bens<sup>1</sup>.

No final de 1939, a imprensa nacional noticiou o projeto de editar uma coleção de romances latino americanos<sup>2</sup>. Em torno desse programa, dois agentes culturais com trajetórias e interesses distintos associavam-se mais diretamente: o romancista Jorge Amado e a Editora Guáira. O primeiro, autor de obras que, nos anos de 1930, foram o centro de importantes debates literários e políticos, gozava de certa legitimização no âmbito intelectual nacional<sup>3</sup>. Já a Editora Guáira havia sido fundada em dezembro de 1939 e, embora possuísse recursos monetários, não contava com fortuna simbólica.

É plausível supor que a ideia da coleção tenha relação com a viagem pela América Hispânica realizada por Jorge Amado, em 1937. Ocasão na qual o romancista teve a oportunidade de conhecer os ambientes intelectuais do continente ao mesmo tempo em que tomava contato com uma produção literária por ele ignorada<sup>4</sup>. Parte dessas experiências foi registrada por Jorge Amado em uma espécie de relato de viagem publicado, em sua quase totalidade, no periódico brasileiro *Dom Casmurro*, sob o título “A Ronda das Américas”. Trata-se, como notou Raúl Antelo, de textos híbridos posto que misturam memórias, documentos e testemunhos nos quais descrições das cidades visitadas e dos companheiros de viagem, cartas para uma “amiga” e notas sobre as culturas conhecidas se mesclam e constroem sentidos à viagem de Jorge Amado<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Gisèle Sapiro, *Los intelectuales: profesionalización, politización, internacionalización*, Villa María, Eduvim, 2017. Livro digital, EPUB – (Entreculturas).

<sup>2</sup> No presente artigo privilegia-se o jornal literário *Dom Casmurro*, periódico que prenunciou a coleção e no qual se encontram dados relativos ao projeto. Sobre o periódico ver: Tânia Regina de Luca, “O jornal literário Dom Casmurro: nota de pesquisa”, *Historia*, vol. 2, n° 3, 2011, p. 67-81.

<sup>3</sup> Luís Bueno, *Uma história do romance de 30*, São Paulo, EDUSP; Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

<sup>4</sup> Joselia Aguiar, *Jorge Amado: uma biografia*, São Paulo, Todavia, 2018.

<sup>5</sup> Os textos editados em *Dom Casmurro* (em 1938) e um fragmento intitulado *México todo pitoresco* publicado no n° 2 da *Revista Diretrizes* (nov. 1939) foram reunidos e comentados por Raul Antelo em um volume que serve de base para a elaboração do artigo. Jorge Amado, *A rondas das Américas*, Estabelecimento de texto, introdução e notas por Raúl Antelo, Salvador, FCJA, 2001.

Em termos quantitativos, Jorge Amado dedicou parte considerável da *Ronda* a discutir questões referentes à produção editorial e circulação literária nas Américas<sup>6</sup>. Em “O problema do livro nas Américas” – trecho em que debate exclusivamente a questão – Amado inicia a discussão com o caso do Brasil, sobre o qual, provavelmente, possuía mais recursos argumentativos; em síntese, apesar de apontar dificuldades relacionadas à obtenção de papel de qualidade e à atuação dos livreiros, o autor reconhece que o país vivia, no final de 1930, um período de particular sucesso no que respeita à produção e circulação literária. O mesmo não se poderia dizer dos países de colonização espanhola, onde a indústria editorial e a atividade dos escritores sofriam com vários problemas. O principal deles era, na perspectiva de Amado, a desonestidade dos editores que sem respeitar contratos e pagar uma taxa padrão aos autores, faziam fortuna com tiragens desautorizadas.

É possível que Jorge Amado tenha se inteirado das condições de edição na América do Sul e Central por conta das traduções acertadas para os seus primeiros romances<sup>7</sup>. Contudo, uma vez satisfeito eventuais interesses particulares, as descobertas de Jorge Amado o deixaram frente à constatação de que o Brasil, e os brasileiros, pouco conheciam da literatura hispano-americana. A despeito dos problemas que caracterizavam as atividades de produção e circulação de livros na América Espanhola, lá, o intercâmbio de obras e autores de diversos países favorecia um senso de unidade continental desconhecido aos brasileiros.

O autor de *Jubiabá* destacou que na América espanhola se percebia um “sentimento de continente e de americanismo” não visto no Brasil e

<sup>6</sup> No volume publicado em 2001 – o tópico relativo ao livro e às questões editoriais ocupa 15 das aproximadamente 150 páginas do livro. Além disso, apresenta como recursos argumentativos, além da experiência do autor junto ao universo editorial, informações qualitativas e quantitativas colhidas junto a editores e autores do continente, e citações integrais de editoriais de um jornal mexicano que avaliou a questão do livro e das traduções naquele país. Jorge Amado, *A rondas das Américas*, *op. cit.*, p. 83-97.

<sup>7</sup> “Quanto a estes países de que falo, posso falar com conhecimento de causa, sou editado de algumas grandes casas editoras do Chile e Argentina. Claridad, a mais forte casa argentina, já lançou a tradução de Cacau no ano de 1936 e em 1937 a tradução de Mar Morto. Imán, lançou em julho do ano passado a tradução de Jubiabá. E Ercilla, a grande editora chilena, possui os direitos de uma tradução de Suor que já publicou.” Jorge Amado, *A rondas das Américas*, *op. cit.*, p. 88.

manifestado cotidianamente, afinal, “eles sempre falam dos problemas, das soluções, da literatura, da arte, de tudo, em bloco: de referência a toda a América Latina”<sup>8</sup>. A diferença dos brasileiros foi evidenciada por Jorge Amado em sua própria postura, um tanto deslocada, quando em situações de contato com outros intelectuais: “Ora, eu sempre me acostumara a pensar no Brasil sem condicioná-lo à Latino-América [...] e quando retirava minha vista do meu país era para pensar na Europa e mesmo na Ásia mais do que na América espanhola.”<sup>9</sup>

Esse exercício de dessubjetivação<sup>10</sup>, para retomar os termos de Antelo, pode ter contribuído para que Jorge Amado percebesse que mesmo irmanados pelos processos históricos, pelas condições econômicas e por culturas híbridas existiam (e talvez ainda exista) o Brasil e a América espanhola<sup>11</sup>. A experiência de deslocamento espacial e cultural e, de encontro com uma América ao mesmo tempo próxima e distante do Brasil, certamente, contribuiu para a participação de Jorge Amado no projeto de integrar, por meio da literatura, a parte latina do continente americano.

No Brasil, o mercado editorial passava por um processo de crescimento notável, no qual se incluíam importantes coleções voltadas à tradução, como aquelas que notabilizaram a Editora Globo, no sul do país<sup>12</sup>. Entretanto, como lembraria Jorge Amado algumas décadas mais tarde, uma coleção de romances da América Latina não empolgou muitos editores:

Inutilmente bati às portas de todos os mais importantes editores brasileiros da época e de todos eles ouvi a mesma recusa obstinada: autores da América Latina, não! Segundo eles, não havia público para tais romancistas.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 76.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> “Como relato de memória, enfim, narra um processo de subjetivação ou, deveríamos melhor dizer, de dessubjetivação, um processo através do qual seu autor deixa de ser quem era antes de iniciá-lo.” Raúl Antelo, in Jorge Amado, *A rondas das Américas*, *op. cit.*, p. 07.

<sup>11</sup> Sobretudo o capítulo “Contradições latino-americanas: modernismo sem modernização”. Nestor Garcia Canclini, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, EDUSP, 2008.

<sup>12</sup> Sônia Maria de Amorim, *Em busca do tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*, São Paulo/ Porto Alegre, EDUSP/Com-Arte/Editora da UFRGS, 1999.

Preconceito feroz, arraigado, inabalável. [...] continuei, portanto, a procurar editor corajoso e lúcido.<sup>13</sup>

A reticência dos editores brasileiros frente aos romances produzidos na América Espanhola não estava necessariamente associada à qualidade literária das obras. Como sugere a bibliografia das atividades editoriais no país, o continente europeu e, principalmente, a França ocupavam um lugar central na importação de bens simbólicos para o Brasil e haviam se constituído em modelo de ação apropriado frequentemente por editores e escritores nacionais, desde meados do século XIX<sup>14</sup>. Assim, não surpreende que os editores nacionais preferissem não arriscar uma coleção cujas referências culturais lhes eram desconhecidas. Houve, entretanto, quem o fizesse.

Só uma pequena editora do Paraná se interessou pelo assunto, publicou a tradução de Dona Bárbara e mandou traduzir alguns outros títulos por mim recomendados, tentando uma coleção – a primeira – de escritores dos países vizinhos. [...] vale a pena recordar e louvar o esforço naquele então único da Editora Guaíra, dirigida pelo Jurista De Plácido e Silva.<sup>15</sup>

Se Jorge Amado, àquela altura, era um agente reconhecido do campo editorial e literário brasileiro, afinal, havia acumulado recursos em lutas anteriores<sup>16</sup>, a Editora Guaíra possuía apenas capital econômico. Fundada no mesmo mês em que a coleção de romances hispano-americanos foi anunciada<sup>17</sup>, a Guaíra marcou uma iniciativa inédita no Paraná, estado com modesta tradição editorial. O responsável foi Oscar

<sup>13</sup> Jorge Amado, “Rômulo Gallegos, há algo em comum entre os romancistas da América?”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano III, n° 54, 15 de junho de 1974, p. 07.

<sup>14</sup> Fernando Paixão, *Momentos do livro no Brasil*, São Paulo, Ática, 1995. Aníbal Bragança e Márcia Abreu, *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*, São Paulo, Editora UNESP, 2010.

<sup>15</sup> Jorge Amado, “Rômulo Gallegos, há algo em comum entre os romancistas da América?”, *op. cit.*, p. 07.

<sup>16</sup> Pierre Bourdieu, *Coisas ditas*, São Paulo, Brasiliense, 2004, p. 170.

<sup>17</sup> Um contrato de 09 de novembro de 1939, arquivado na Junta Comercial do Paraná, registra o momento em que Plácido e Silva concretiza a fundação da *Editora Guaíra*, com um capital inicial de 20 contos de réis e cuja propriedade compartilhava com Antônio Moacir Arcoverde e Rubens Amazonas Lima. Além desses dois nomes, sabe-se que Juril Carnascialli, sua filha, ocupava-se das revisões dos originais e Arnaldo Carnascialli auxiliava com a parte administrativa, bem como com as traduções.

Joseph de Plácido e Silva, advogado, jornalista e fundador proprietário do periódico *Gazeta do Povo*<sup>18</sup>.

Isolada geograficamente, com poucos recursos intelectuais e sem capital simbólico, a editora não tinha como competir nos mesmos segmentos de empresas de grande porte – como a Livraria José Olympio ou a Editora Globo.

Em entrevista ao periódico *Dom Casmurro*, Plácido e Silva afirmou que já se imaginava atuando como editor desde 1922, quando lançou seu primeiro livro *Noções Práticas de Direito Comercial* nas máquinas da Empresa Gráfica Paranaense, gráfica da qual era proprietário e, que, eventualmente fazia as vezes de editora. Em 1937, Plácido tentou publicar *Histórias do Macambira* com a editora de José Olympio, ideia que não se concretizou. Apesar de ter editado o livro por sua conta e granjeado certo sucesso, existem indícios de que Plácido sentiu-se decepcionado com a dificuldade para participar do rol de autores nacionais<sup>19</sup>. Ao ser perguntado sobre as finalidades da Editora Guaíra, Plácido respondeu:

Embora saibamos as dificuldades a vencer, miramos com satisfação o lançamento da juventude sempre relegado pelas editoras já feitas. A “Guaíra” quer implantar uma confiança no estreante, que se firmará no escritor dos dias que virão, com os elementos marcantes das eras que se vão passando. Pode ser um arrojado sob o ponto de vista comercial, mas bem nos lembra o acerto da afirmativa – “do mundo nada se leva”. [...] Editora moça, a “Guaíra” tem sua existência voltada para os moços.<sup>20</sup>

Nos primeiros anos de 1940, a Guaíra se notabilizou nacionalmente ao reunir um catálogo de sucesso e lograr, por meio de estratégias administrativas, a superação do isolamento imposto por sua localização

<sup>18</sup> Juril de Plácido e Silva Carnascialli, *De Plácido e Silva, O iluminado*. Trata-se da única biografia encontrada sobre Plácido e Silva, escrita e financiada por sua filha, Juril Casnascialli. Não foi possível precisar os dados editoriais da obra.

<sup>19</sup> “O seu livro está conhecidíssimo. Está à venda nas principais livrarias do Rio. [...] Foi muito melhor o Zé Olympio ter “mancado”. Porque em lugar de uma livraria só, o seu livro foi para sete. Para as sete melhores e mais centrais do Rio.” Carta a Plácido e Silva [remetente desconhecido], Rio de Janeiro, 01 março 1939. Arquivo da autora.

<sup>20</sup> “De Plácido e Silva fala de livros”, in *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n° 155, 26 de junho de 1940, p. 05.

geográfica<sup>21</sup>. Plácido e Silva parece ter sido um editor disposto a arriscar, como afirma Jorge Amado; afinal, o empresário publicou coleções como a Estante Americana e Estante do Pensamento Social<sup>22</sup>, risco que não necessariamente visava capital monetário, afinal, a Guaíra representava uma pequena parte dos bens pertencentes à sua família.

Em 1939, os interesses de Jorge Amado e da Editora Guaíra convergiram e coube ao periódico *Dom Casmurro* anunciar a empreitada<sup>23</sup>. Em dezembro daquele ano, Jorge Amado publicou o artigo “Um romancista sul-americano” informando aos leitores do jornal a publicação de *Dona Bárbara* de Rômulo Gallegos, romance com ampla circulação internacional e cujo mérito literário o qualificava “como o mais capaz de dar uma impressão do poder criador dos hispânicos”<sup>24</sup>.

Além de apresentar o primeiro título da coleção, Jorge Amado revelou a extensão do projeto. Na tabela abaixo autores e países selecionados para compor a coleção são destacados. Note-se que, em um primeiro momento, previa-se a publicação de doze autores originários de seis países diferentes, com protagonismo para o Equador que teria quatro autores publicados. Tratava-se, de fato, de um projeto inédito em termos de amplitude e de valorização de uma parte do continente americano que ocupava, assim como o Brasil, um lugar subalterno nas relações internacionais.

<sup>21</sup> Tanto o catálogo da *Guaíra* como suas estratégias empresariais são alvo de minha pesquisa de doutorado em andamento. Destaque-se, por exemplo, os autores publicados na Coleção Caderno Azul (Mário de Andrade, Roger Bastide, Sérgio Millet, Donald Pierson, João Dornas Filho, Brito Broca, Álvaro Moreira, Brício de Abreu, entre outros), via de regra, nomes relevantes da intelectualidade nacional. Como estratégia administrativa vale lembrar a fragmentação da editora em três sedes – Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. De cada cidade, Plácido extraiu recursos distintos – em São Paulo, contratou a Revista dos Tribunais para imprimir parte de suas tiragens; no Rio de Janeiro, utilizou o circuito editorial da cidade para a publicidade de suas edições.

<sup>22</sup> A “Estante do Pensamento Social” publicou, durante o período do Estado Novo, autores como: N. Lenine, Buktarin, Henry George, Alexandra Kolantai, Karl Marx e Friedrich Engels.

<sup>23</sup> A relação entre o periódico *Dom Casmurro* e a Editora Guaíra foi marcante nos primeiros anos de 1940. Uma análise preliminar mostrou que entre dezembro de 1939 e maio de 1941, o periódico publicou 24 conteúdos (de gêneros diversos) cujo foco eram as publicações da Guaíra. De outro lado, foram editados pela Guaíra Brício de Abreu, Álvaro Moreyra, Marques Rebelo, Joel Silveira, Sérgio Milliet – todos ligados ao periódico.

<sup>24</sup> Jorge Amado, “Um romancista sul-americano”, in *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, Ano III, n° 131, 30 de dezembro de 1939, p. 01.

**Tabela 1: Projeto da coleção Romances Americanos - dezembro de 1939**

<b>País</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
Venezuela	Rômulo Gallegos	Dona Bárbara
Equador	Jorge Icaza	-
Equador	Aguilera Marta	-
Equador	José de la Cuadra	-
Equador	Jorge Fernandes	-
Chile	Rivera	-
Chile	Juan Marin	-
Cuba	Hernández Catá	-
Cuba	Carlo Montenegro	-
México	Gregório Lopez e Fuentes	-
México	Mariano Azuela	-
Nicarágua	Herman Robleto	-

A primeira lista não corresponde aos lugares visitados por Jorge Amado, tampouco parece ter sido resultado direto das ações de Plácido e Silva, indício de que o projeto da coleção ultrapassava eventuais posições individuais em favor de uma projeção ampla e integrada da literatura latino-americana. Possivelmente, além de Jorge Amado e Plácido e Silva, intelectuais de outros países do continente tenham se envolvido na elaboração da lista, como é o caso do cubano Alfonso Hernández Catá<sup>25</sup>, o que permite reconhecer o projeto como resultado de um esforço transnacional de circulação da cultura.

Significativamente, tal ideia surgiu quando a Europa iniciava a traumática experiência da Segunda Guerra Mundial. Em pouco tempo, a importação de bens do continente seria substancialmente afetada e os encaminhamentos da guerra marcariam uma grave crise no papel que a Europa desempenhava na disseminação internacional de valores. Se, para os europeus, os eventos relacionados ao conflito significaram a decadência de uma ideia de cultura hegemônica gestada desde o

<sup>25</sup> O contista Alfonso Hernández Catá foi citado por Jorge Amado como colaborador da coleção no prefácio à edição traduzida de *Dona Bárbara*. Jorge Amado, “Prefácio”, in Rômulo Gallegos, *Dona Bárbara*, Curitiba, Editora Guaíra, 1940.



projeto Iluminista, nos demais continentes houve quem reconhecesse a oportunidade de superar a hegemonia – material e simbólica – exercida pelas antigas metrópoles.

No final de 1940, a coleção Romances Americanos foi diretamente associada ao projeto de resistência à dominação cultural exercida pelos europeus. Em “A Editora Guaíra e o pan-americanismo”, texto publicado em *Dom Casmurro* a reorganização das relações internacionais surgiu como critério orientador da coleção:

A doutrina Monroe que tem no tema “a América para os americanos” está também entre os objetivos da Editora Guaíra LTDA. O Brasil fazendo parte do continente ocidental tem interesse de incutir entre os seus filhos a ideia da soberania dos países da América e tirá-los da influência dos outros povos de outros continentes. A literatura é o meio mais fácil para a propagação de qualquer ideia ou doutrina.<sup>26</sup>

Ao mesmo tempo em que justificava o projeto de uma perspectiva ampla de resistência cultural à Europa, o texto acrescentava novos títulos ao programa, sugerindo que os trabalhos haviam avançado. Se em um primeiro instante, citavam-se apenas autores e países, agora alguns títulos tornaram-se públicos: Rômulo Gallegos teria mais dois romances publicados (*Canáima* e *Pobre Negro*); da Argentina, que, inicialmente, não figurava no projeto viria *Don Segundo Sombra* de Ricardo Güiraldes; *Los de abajo*, de Mariano Azuela representaria a literatura mexicana e *Huasiungo*, de Jorge Icaza, a equatoriana.

A partir das informações divulgadas em *Dom Casmurro*, é possível perceber a extensão continental que a coleção almejou alcançar em 1940: foram acrescentados à coleção os Estados Unidos e a Argentina. Naquele momento, certo otimismo permitiu que os agentes envolvidos no projeto ambicionassem a construção de novas dinâmicas culturais e favorecessem trocas internacionais<sup>27</sup>.

No ano seguinte, um quadro publicitário em *Dom Casmurro*

<sup>26</sup> “A Editora Guaíra Ltda. e a literatura nacional”, in *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n° 180, 28 de dezembro de 1940, p. 06.

<sup>27</sup> Allyrio Meira Wanderley, “Dona Bárbara e sua planície”, in *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n°159, 27 de julho de 1940.

atualizou as informações sobre os lançamentos da Guaíra<sup>28</sup>. No que respeita ao projeto pan-americanista, ao que tudo indica e apesar da confiança manifestada poucos meses antes, as coisas não iam tão bem. Os livros de Rômulo Gallegos, dados como certos para edição, deixaram de ser mencionados e desde *Dona Bárbara*, nenhum volume havia sido lançado. Jorge Amado, colaborador da primeira hora encontrava-se no exílio e dedicava-se à produção autoral<sup>29</sup>. O projeto da coleção entrou em refluxo.

*Huasipungo* de Jorge Icaza foi anunciado como o próximo lançamento graças à “admirável tradução do escritor De Plácido e Silva” juntamente com a inclusão de John dos Passos, autor norte-americano, no projeto da coleção<sup>30</sup>. *Huasipungo* saiu naquele ano, mas com dificuldades registradas nas correspondências da Guaíra. Rubens Requião, responsável pela parte de produção em Curitiba, e Arnaldo Carnascialli, genro de Plácido e Silva e representante da Guaíra em São Paulo, discutiram em várias ocasiões as dificuldades para fazer decolar os projetos culturais da Guaíra. No que respeita à coleção Romances Americanos, em 1 de setembro de 1941, Rubens diz compreender o desânimo “do amigo” frente à má acolhida dos críticos que, pelo que se compreende, sequer recebiam os livros da Guaíra. Depois de consolar o colega, Rubens informou:

Huasipungo já está pronto. Vai ser remetido para você ainda esta semana, com os clássicos 15 exemplares para a propaganda. O livro é extraordinário, com boa propaganda, principalmente nas livrarias, teremos grande sucesso. Falam os escritores será lançado ainda esta semana, creio que depois de amanhã. Aproveita a onda feita pelo

<sup>28</sup> O quadro publicitário intitulado “As grandes realizações da Editora Guaíra Limitada” destacou três coleções: Coleção Jurídica, carro-chefe da editora em termos de manutenção financeira, coleção Caderno Azul que com os primeiros cinco títulos publicados já redimensionava a Guaíra no quadro da cultura nacional. Afinal, os autores eram: Mário de Andrade (*Música do Brasil*), Roger Bastide (*Psicanálise do Cafuné*), Mário Neme (*Don’Ana Sofredora*) e Sérgio Milliet (*Duas Cartas de meu destino*) e Donald Pierson (*Candomblé da Bahia*). Nessa mesma peça, Jorge Amado foi anunciado como novo autor da Editora Guaíra.

<sup>29</sup> Joselia Aguiar, *op. cit.*, p. 160-73.

<sup>30</sup> “Ainda nesta coleção serão apresentadas dentro em breve as obras admiráveis de John dos Passos – o escritor mais discutido nos Estados Unidos nos últimos tempos.” Em “As grandes realizações da Editora Guaíra Limitada”, in *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n° 199/200, 17 de maio de 1941, p. 21.

Silveira e meta o Huasipungo no meio do baile.<sup>31</sup>

Apesar da confiança na qualidade técnica e literária de *Huasipungo*, aparentemente, a propaganda era o ponto fraco das obras latino-americanas que precisavam entrar “no embalo” de obras nacionais, mais facilmente recebidas pelo público e pela crítica. Nas duas cartas seguintes, o problema da publicidade e da recepção de *Huasipungo* continuou a preocupar a equipe da Guaíra, principalmente, no Rio de Janeiro.

Como foi recebido Huasipungo? Ainda não iniciamos a propaganda, porque teu sogro mandou suspender a fim que o Marques Rebelo fizesse no Rio, uma verificação de nossa lista, e ele nada de nos dar notícias. Veja só como é esta caterva. Sabe criticar, mas nunca cooperar.<sup>32</sup>

Sem menções na imprensa e sem propaganda, *Huasipungo* parece ter redundado em um grande fracasso para a Guaíra que não se abateu, pois em 1942 a coleção “Caderno Azul” deslanchou e o projeto de integrar o continente por meio da literatura adormeceu. Somente, depois de cinco anos a coleção Romances Americanos foi concluída e, nesse curto período, profundas transformações haviam-se concretizado tanto em âmbito nacional quanto internacional. Em 01 de maio de 1947, a revista *O Joaquim* anunciou, enfim, a publicação da trilogia *U.S.A* de John dos Passos.

O lançamento da Trilogia U.S.A. em português, pela Editora Guaíra Ltda., na tradução de Silveira Peixoto, Miroel Silveira, Isa Silveira Leal e Zenha Machado, e capas de Carlos Klanke, significa mais uma notável contribuição à cultura brasileira prestada pela conhecida casa editora do Paraná.<sup>33</sup>

Diferentemente do que ocorreu com os primeiros títulos, a trilogia de John dos Passos foi publicada em bloco em 1947. No mesmo período, *O cavalo e a sombra dele* de Henrique Amorim, *Paz de Espírito* de Joshua Loth Corrêa e, outros dois títulos de John dos Passos foram anexados à coleção.

<sup>31</sup> Carta de Rubens Requião a Arnaldo Carnascialli, Curitiba, 01 de setembro 1941.

<sup>32</sup> Carta de Rubens Requião a Arnaldo Carnascialli, Curitiba, 15 de setembro de 1941. Arquivo da autora.

<sup>33</sup> “Revista dos livros”, in *O Joaquim*, nº 12, 01 de maio de 1947, p. 17. Ver: Luiz Cláudio Soares Oliveira, *Joaquim contra o paranismo*, Dissertação de Mestrado, Curitiba, UFPR, 2005.

No final de 1947, o catálogo da Editora Guáira (Figura 1) apresentava a última atualização registrada da coleção Estante Americana<sup>34</sup>. Ao ser concluída, a trajetória do projeto oferece a oportunidade de refletir sobre as forças que regulam a circulação internacional de bens e constituem relações assimétricas de troca.

NOME DA OBRA	AUTOR	ESPECIE	PREÇO	QUA
<b>ESTANTE AMERICANA</b>				
1 - DONA BARBARA	De Rômulo Gallegos	encad.	30,00	
	Em tradução de Jorge Amado	broch.	18,00	
2 - HUASIPUNGO	De Jorge Icaza	broch.	12,00	
	Em tradução de De Plácido e Silva	broch.	12,00	
3 - PARALELO 42	De John dos Passos	broch.	25,00	
	Em tradução de Silveira Peixoto	broch.	25,00	
4 - 1919 (MIL NOVECENTOS E DEZENOVE)	De John dos Passos	broch.	30,00	
	Em tradução de Miroel Silveira	broch.	30,00	
5 - DINHEIRO GRAUDO	De John dos Passos	broch.	45,00	
	Em tradução de Zenha Machado e Silveira Peixoto	broch.	45,00	
6 - O CAVALO E A SOMBRA DELE	De Henrique Amorim	broch.	20,00	
	Em tradução de Silveira Peixoto	broch.	20,00	
7 - TRÊS SOLDADOS	De John dos Passos	broch.	50,00	
	Em tradução de Enéas Camargo	broch.	50,00	
8 - MANHATTAN TRANSFER	De John dos Passos	broch.	45,00	
	Em tradução de Enéas Camargo	broch.	45,00	
9 - PAZ DE ESPÍRITO	De Joshua Loth Corrêa	broch.	30,00	
10 - AVENTURAS DE UM COMUNISTA	De John dos Passos	broch.	30,00	
	em tradução de Enéas Camargo	broch.	30,00	

Figura 1 - Catálogo da Editora Guáira – 1947

As transações culturais precisam de operacionalização nos territórios de destino. Como acentuam pesquisas sobre o tema, os vínculos que ligavam o Brasil à Europa sobreviveram ao processo de independência e marcaram profundamente a cultura do país<sup>35</sup>. Um impacto dessa relação é o fato de que os produtos culturais precisavam ser avaliados por instituições cujo modelo era europeu; em muitos casos, essa lógica impactou no consumo de bens culturais não-europeus, situação que pode explicar a resistência brasileira à literatura hispano-americana e as dificuldades da coleção Estante

<sup>34</sup> É possível que a coleção tenha mudado de nome por conta da inclusão da obra de Joshua Loth Corrêa, que não se enquadrava no gênero romance.

<sup>35</sup> Heloísa Pontes, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Americana. Sem a legitimação histórica de obras de origem europeia, a coleção sofreu os efeitos de ser publicada por uma editora pequena, localizada à margem dos centros culturais do país e em uma década na qual empresas de grande porte constituíam relações complexas que caracterizam o campo editorial nacional do período.

Em 1939, quando foi projetada, a coleção tinha intenções de integração continental e aproveitava a crise vivida pela Europa para promover a circulação internacional da literatura sem o lastro das metrópoles históricas. Em 1947, ao ser concluída, a coleção anunciava a hegemonia cultural dos Estados Unidos, como se pode observar na tabela abaixo<sup>36</sup>.

**Tabela 2: Obras publicadas na Coleção Estante Americana – 1947**

<b>País</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
Venezuela	Rômulo Gallegos	Dona Bárbara
Equador	Jorge Icaza	Huasipungo
Estados Unidos	John dos Passos	Paralelo 42
Estados Unidos	John dos Passos	1919
Estados Unidos	John dos Passos	Dinheiro graúdo
Argentina	Henrique Amorin	O Cavalo e a sombra dele
Estados Unidos	John dos Passos	Três Soldados
Estados Unidos	John dos Passos	Manhattan Transfer
Estados Unidos	Joshua Loth Corrêa	Paz de espírito
Estados Unidos	John dos Passos	Aventuras de um comunista

É importante frisar que a expansão cultural dos Estados Unidos na segunda metade do século XX não pode ser atribuída a um efeito mecânico do final da guerra em 1945. Principalmente, no que respeita à América Latina, o alinhamento continental foi gestado desde o final de 1930 e com a participação ativa das elites intelectuais locais, razão pela qual se a coleção Estante Americana concluiu-se com 70% dos

<sup>36</sup> João Mendes Pereira, “Banco mundial: dos bastidores aos 50 anos de Bretton Woods (1942-1994)”, *Topoi*, vol. 15, n° 29, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2014. John B. Thompson, *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*, São Paulo, Editora UNESP, 2013.

seus títulos provenientes daquele país, não se pode atribuir tal perfil à passividade nacional<sup>37</sup>.

Por fim, ainda que a coleção Estante Americana não tenha alcançado seus propósitos iniciais, é importante enfatizar o valor histórico da experiência, já que sua análise revela a existência de projetos paralelos para a América naquele período, fortalecendo uma concepção de cultura como arena marcada por conflitos e consensos. É certo que a trajetória da coleção respondeu às articulações oblíquas entre conjunturas nacionais e internacionais que somente tomariam formato anos depois. O artigo procurou oferecer uma primeira interpretação à iniciativa sem, contudo, esgotá-la.

---

<sup>37</sup> Olival Freire Jr. e Indianara Silva, “Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941”, *Revista Brasileira de História*. vol. 34, n° 67, 2014.